

MITO DO CONCRETO

O ANTROPÓLOGO AMERICANO JAMES HOULSTON LANÇA LIVRO SOBRE A DERROCADA DA UTOPIA MODERNA A PARTIR DE BRASÍLIA

SEVERINO FRANCISCO

Roberto Stuckert

Roberto Stuckert

N a virada dos anos 80, o antropólogo americano James Houlston, professor da Universidade da Califórnia, resolveu trocar os aborígenes da Austrália pela cidade de Brasília como tema de uma pesquisa para a sua tese de doutorado. James não viu em Brasília um caso exótico de modernismo no Terceiro Mundo. Pelo contrário: Brasília o interessou como um dos casos exemplares das transformações provocadas pelo urbanismo modernista em cidades espalhadas por vários pontos do planeta. Na passagem do 33º aniversário de Brasília, chega ao Brasil *A Cidade Modernista — Uma crítica de Brasília e sua Utopia*, em edição da Companhia das Letras. O autor vem ao Brasil para o lançamento do livro através de um debate em São Paulo. E, em junho, o Decanato de Extensão da UnB promete trazer James para uma nova sessão de debates em Brasília.

A rigor, o livro não se distingue por apresentar teses originais em relação a outros estudos sobre Brasília. Mas a sua força está em desenvolver, aprofundar e radicalizar a crítica sobre a derrocada de Brasília enquanto projeto modernista tal como concebida pelo Estado e pelos arquitetos que idealizaram a sua construção. Segundo James, o caso de Brasília demonstra que a arquitetura e o urbanismo modernistas não apenas falharam, mas exacerbaram, muitas vezes, aquilo que pretendiam desafiar.

E este abismo já está inscrito no plano piloto de Brasília, criado por Lúcio Costa. Ao examinar os projetos apresentados no concurso público para a construção de Brasília, James constata, por exemplo, que a firma M.M.M. Roberto realizou uma proposta detalhada com projeções estatísticas sobre o crescimento populacional e econômico, a administração e o desenvolvimento regional. Enquanto isto, o projeto vencedor, criado por Lúcio Costa, esvazia qualquer referência à história, se apresentando como mito de fundação, surgido por inspiração divina: "O plano carece, ademais, de uma descrição explícita da estrutura social que se pretendia instituir em Brasília" — observa James.

O arquiteto Oscar Niemeyer afirmou que o objetivo de sua arquitetura é o de subverter a experiência do dia-a-dia: "Formas de surpresa e emoção que, principalmente, alheassem o visitante — por instantes que fossem — dos problemas difíceis, às vezes invencíveis, que a vida a todos oferece". E James comenta: "Eis um uso interessante, carregado do termo 'alhear'. Com efeito, as liberdades arquitetônicas de Brasília são concebidas para alhear o indivíduo de suas alienações, as quais, em um sentido marxista, alienam-no da sociedade".

Um dos momentos mais brilhantes do livro está na análise que James faz das transformações nas relações entre espaço público e espaço privado em Brasília. Ele observa que Lúcio Costa jamais se refere a palavra "rua" em seu plano-piloto. O arquiteto só fala em "artérias". O espaço público da rua é reduzido às funções de transporte e abastecimento. O modernismo pretende instituir, a partir da prancheta, os valores igualitários, socialistas e comunitários. As superquadras, os prédios monumentais, o traçado das "artérias" de Brasília inaugurariam uma nova relação entre o público e o privado, onde todo o espaço da cidade seria supostamente público e comunitário.

Mas, segundo James, o que ocorreu de fato em Brasília foi a destruição do espaço público. A nova polaridade que emerge da vida social do Plano Piloto é a do espaço privado e do espaço de elite: "Essa operação divide um todo público em metades de elite, estratificando o espaço ao fazer seu uso depender de um conjunto de privilégios — carro, dinheiro, residência na superquadra e status ocupacionais. Além disso, a divisão internaliza as atividades de cada um em cada nova parte: em Brasília, o pedestre é engolido pelo carro, calçada transformada em um corredor interno, e o próprio comércio é redirecionado para o interior das superquadras ou internalizado nos shoppings centers. "É em espaços como esses — os do shopping center, do clube e da casa — que a maior parte da atividade social de Brasília acontece". *A Cidade Modernista* é um dos mais completos estudos sobre Brasília já publicados no País.

■ A CIDADE MODERNISTA — UMA CRÍTICA DE BRASÍLIA E SUA UTOPIA — De James Houlston/Ed. Cia das Letras, 351 páginas.



Segundo o antropólogo James Houlston, houve em Brasília a estratificação do espaço ao fazer seu uso depender de um conjunto de privilégios

A construção pela ótica do cotidiano

E vem por aí mais um livro sobre Brasília. No final do ano será lançado *O Capital da Esperança*, de Gustavo Lins Ribeiro — professor do Departamento de Antropologia da UnB e diretor da Associação Nacional dos Antropólogos — em publicação da Editora Marco

Zero. O livro resulta de uma tese de mestrado apresentada em 1980, na UnB, e constitui uma das primeiras pesquisas sistemáticas e detalhadas sobre o cotidiano de Brasília durante os primeiros tempos de construção. Gustavo está reescrevendo a tese para adequá-la melhor ao espaço do livro. *A Cidade Livre*, os acampamentos, o ritmo do trabalho nas obras perpassam *O Capital da Esperança*: "O leitor terá a sensação de estar vivendo o instante da construção de Brasília" — comenta Gustavo. Quando fez a pesquisa prevaleciam apenas as expli-

cações de Juscelino no livro *Porque Construí Brasília*.

Hoje, com o distanciamento de mais de 20 anos, Gustavo considera que, para além de qualquer crítica às ideologias que presidiram a construção de Brasília, não há como negar o caráter de epopéia na criação da cidade: "Milhares de pessoas se submeteram a condições extremamente duras de vida e de trabalho e conseguiram, de fato, vencer o desafio de entregar a cidade em situação mínima de funcionamento no dia 21 de abril de 1960. Aliás, aproveito para lançar um rep-

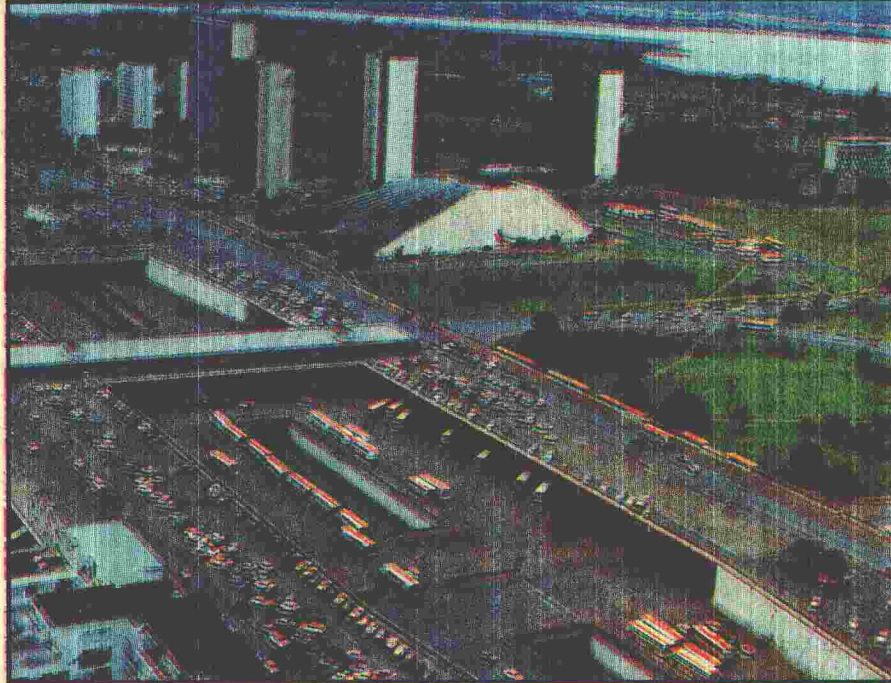
to: a Tizuka Yamazaki devia fazer um grande filme sobre a construção de Brasília. Mas a história da cidade não é mais um campo inexplorado. Já existem inúmeras teses de mestrado da UnB em história, sociologia, antropologia e planejamento urbano, sobre Brasília-lembrava Gustavo: "O Museu JK e o Arquivo Público também têm feito um trabalho sério". E, finalmente, Gustavo ressalta como extremamente positivo o fato de que um antropólogo americano dedique muitos anos de pesquisa a Brasília: "O mundo acadêmico e científico deve ser internacionalista. Nada de chauvinismos!"

Sebastião Pedra

Roberto Stuckert



"Em Brasília" — escreve James Houlston — "o pedestre é engolido pelo carro, a calçada transformada em um corredor interno"



131